

**HUMOR E SUSPENSÃO:
oscilação entre o peso e a leveza em Hilda Hilst**

*Andrea Fricke Duarte**
*Edson Luiz André de Souza***

RESUMO:

Este artigo se propõe a pensar sobre alguns textos da escritora brasileira Hilda Hilst, junto de algumas notas biográficas e declarações da escritora para explorar o aspecto cômico da sua escrita, passeando pela psicanálise, pela literatura e pela utopia. Analisa o caráter ambivalente do risível, partindo de Freud com seu texto *Do humor* (1919), passando por autores recentes e também pela proposta do realismo grotesco de Bakhtin. O encontro com a utopia e seu aspecto político de ultrapassamento, transgressão e corte sugere o movimento da suspensão como um ponto de encontro, fazendo o enlace entre Hilda Hilst, humor e a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst. Humor. Psicanálise. Utopia. Suspensão.

* Andrea Fricke Duarte. Psicóloga. Mestre em Psicologia Social pelo PPG Psicologia Social - UFRGS e Doutoranda no mesmo programa. Endereço: Gumercindo Saraiva, n.68/204. Cidade: Porto Alegre Estado: RS. CEP: 90 110 -280. Telefone fixo: (51) 3237-9512. Email: deafridu@hotmail.com.

* *Edson Luiz André de Sousa. Psicanalista. Analista Membro da APPOA. Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII. Professor do PPG Psicologia Social e PPG de Artes Visuais – UFRGS. Endereço: Fernandes Vieira, n. 474/302. Cidade: Porto Alegre. Estado: RS. CEP: 90035-091. Tel: 3311-9827. Email: edsonlasousa@uol.com.br

Quem já leu Hilda Hilst ou já ouviu falar nesta escritora dificilmente pensaria em associá-la com o humor. Foi a partir do espetáculo teatral, montado e encenado pela atriz Suzan Damasceno¹, que a leitura do livro *A Obscena Senhora D*, publicado em 1982, ganhou um aspecto risível. O título do romance é o mesmo da peça, e aqui neste artigo vamos explorar o seu aspecto cômico, passeando pela psicanálise, pela literatura e pela utopia, para dialogar com o texto hilstiano.

Hilda Hilst nasceu em Jaú, no interior de São Paulo, construiu em 1976 uma casa, a Casa do Sol, em Campinas para consolidar seu projeto pessoal de se tornar uma grande escritora. Considerada por alguns como difícil, sua vasta obra literária inclui todos os gêneros, tendo iniciado aos vinte anos com um livro de poemas e se desenvolvido na ficção, na crônica, no teatro. Hilda faleceu em 2004 aos 74 anos deixando mais de 50 livros publicados².

Aqui dois trechos do livro *A Obscena Senhora D*,

Olhe senhora D, não pode se trancar assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehud ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos, a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim, ai ó Antônia, ó Tunico, só quis dar o pão pra ela e olha como ela ficou, tá pelada, ai gente, embirudou, credo nossa senhora, é caso de polícia essa mulher quem te mandou, Luzia, entrar na casa da mulher, hen, quem te mandou? Se ela ficou pelada ta na casa dela, volta para casa mulher, que pão que nada, não tá vendo que o demo tomou conta da mulher? porca, exibida cadela, ainda bem que é só no pardiero dela que mostra as vergonhas

é nada, e as caretonas que exhibe na janela, alguém tem o direito de assustar os outros assim?
he he Luzia, teu traseiro também assusta muita gente (Hilst, 2001, p.28)

E o segundo trecho:

¹ Assistido em Porto Alegre, no Palco Giratório do SESC, em maio de 2010.

² <http://www.hildahilst.com.br/biografia.php> . Acesso em: 13/02/2011.

Está me ouvindo, Hillé? Eu disse que estou sujo, entre ossos, num vazio escuro.

Eu também Senhor, eu também.

Convém lavarmo-nos, pêlos e sombras, solidões e desgraças, também lavei Ehud no fim algumas vezes, sovacos, coxas, o escuro buraco, sexo, bolotas, Ai Senhor tens igual a nós o fétido buraco? Escondido atrás mas quantas vezes pensado, escondido atrás mas todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás, discurseiras, senado, o colete lustroso dos políticos, o cravo na lapela, o cetim das mulheres, o olhar envesgado, trejeitos, cabeleiras, mas o buraco ali, pensaste nisso? (Hilst, 2001, p.45)

Hilda Hilst fez da escrita o único modo de valer a pena a sua vida, tendo enfrentado a experiência da loucura do pai, tendo passado pela experiência da ditadura, tendo vivido uma necessidade irrefreada de compreender Deus e o homem. Foi também através do humor que Hilda Hilst parece ter conseguido transmitir um pouco do horror que sentia frente à existência, sem por isso desistir dela. Como na crônica escrita para o Correio Popular de Campinas, do dia 03 de maio de 1993, frente à miséria humana, ela propõe o E.G.E (Esquadrão Geriátrico de Extermínio):

O poeta pode ser violento. A maior parte das vezes contra si mesmo. Um tiro no peito, gás, veneno, um tiro na boca, como fez Hemingway, que também foi poeta em *O Velho e o Mar*; Maiakóvski, um tiro no peito; Sylvia Plath, gás de cozinha; Ana Cristina César, um salto pelos ares; etc etc etc. 'Os delicados preferem morrer', dizia Drummond. Mas esta modesta articulista, sobretudo poeta, diante das denúncias feitas pela revista *Veja*, todos aqueles poços perfurados em prol de uma única pessoa ou em prol de amiguelhos de sua excelência, presidente da Câmara, senhor Inocêncio (a indústria da seca), e o outro com seu lindo carro às custas de gaze e esparadrapo... Credo, gente, quando você vê televisão ou *in loco* o povão famélico, desdentado, mirrado... Um amigo meu foi para o Ceará e passou os dias chorando! As crianças todas tortas, todos pedindo comida sem parar... e 500 toneladas de farinha apodrecendo... e montes de feijão desviados para uma só pessoa... (um parênteses, porque meu coração de poeta pede a forca, o fuzilamento, cadeia, cadeia para aqueles que se locupletam à custa da miséria absoluta, da dor, da doença). Gente, eu já estou uma fúria e para ficar mais calma proponho algumas

coisas mais sutis, por exemplo: o Esquadrão Geriátrico de Extermínio, a sigla óbvia seria EGE. Arregimentaríamos várias senhoras da terceira idade, eu inclusive, lógico, e com nossas bengalinhas em ponta, uma ponta-estilete besuntada de curare (alguns jovens recrutas amigos viajariam até os Txucarramãe ou os Kranhacarore para consegui-lo) nos comícios, nos palanques, nas Câmaras, no Senado, espetaríamos as perniciosas nádegas ou o distinto buraco malcheiroso desses vilões, nós, velhinhas misturadas às massas, e assim ninguém nos notaria, como ninguém nunca nota a velhice. Nossas vidas ficariam dilatadas de significado, ó que beleza espetar bundões assassinos, nós faceiras matadoras de monstros! (Hilst, 1998, p36)

Em uma crônica de jornal do dia 13 de setembro de 1993, Hilda escreve: “Uma das coisas que eu mais admiro em alguém é o humor. Nada a ver com a boçalidade. Alguns me pedem crônicas sérias. Gente... o que fui de séria nos meus textos nestes 43 anos de escritora!” (Hilst, 1998, P.62). A passagem ao recurso do humor, como uma ferramenta que Hilda Hilst em determinado momento passa a fazer uso mais deliberado, cumpre pelo menos para a escritora uma importante função.

Para Freud, encontramos uma similaridade de opinião. Em seu texto sobre o humor, de 1927, ele caracteriza o humor como um “dom precioso e raro” e inicia o texto definindo qual havia sido sua busca no texto anterior *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, texto de 1905, escrito vinte e dois anos antes. Seu objetivo tinha sido descobrir a fonte do prazer que se obtém do humor e pode demonstrar, diz ele que a produção do prazer humorístico surge de uma economia de gasto em relação ao sentimento. Freud nesse texto faz-se algumas perguntas, dentre elas, referindo-se ao humorista: “Qual é a dinâmica de sua adoção da ‘atitude humorista’? Para em seguida fazer uma convocação ao seu leitor: “já é hora de nos familiarizarmos com algumas características do humor”. Quais seriam elas então? Para Freud há algo de liberador no humor, mas também, qualquer coisa de grandeza e elevação.

Há um triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste, em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para se *obter prazer*. (Freud, 1927, p.166, grifos nossos).

Freud reforça este último aspecto, sendo o elemento essencial do humor. A piada que Freud utiliza para falar disso é a do criminoso condenado à morte, levado à forca na segunda-feira exclama: “bem, a semana está começando otimamente”. Diante da situação de ser levado à morte, a única maneira do ego conseguir assumir alguma autoria, algum poder sobre o imponderável é fazer troça, de sua própria condição, assumindo certa crueldade consigo mesmo, diz Tania Rivera (2005, p.50) “implícita em seu oferecimento, com esta frase, à morte”. Mas há o ouvinte da piada, sem o qual essa talvez não pudesse ser proferida, e, desse modo, diz Rivera, ocorre uma denúncia ao “espectador/ouvinte da cena macabra e perturbadora, da crueldade, sem poupar-lhe o violento lembrete de que um dia a sua morte também ocorrerá – sem que o mundo pare por isso”.

Segundo Daniel Kupermann (2005, p.22), em seu texto *Perder a vida, mas não a piada*, a ambiguidade é um traço fundamental de toda piada, onde o humor “parece tanto apontar para uma extrema vitalidade, quanto para uma extrema mortificação, fazendo uma oscilação entre a vida e a morte”. Esse apontamento traz algo que é próprio da escrita hilstiana, uma oscilação quase frenética de posições, ora demasiado trágicas, quando diz, por exemplo:

desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tateava cantos,
vincos, acariciava dobras, quem sabe se nos frisos, nas torçuras, no
fundo das calças nos nós, nos visíveis cotidianos, no ínfimo absurdo,
nos mínimos, um dia a luz, o entender de todos nós o destino, um dia
vou compreender, Ehud

Para em seguida, na continuação do texto, uma ironia fina, um quê de cômico, quase mortífero, risível, dependendo do leitor:

Compreender o quê?
Isso de vida e morte, esses porquês
Escute Senhora D, se ao invés desses tratos com o divino, desses luxos
do pensamento, tu me fizesses um café, hen?

O fenômeno humorístico estaria caracterizado neste limiar existente entre aparentes contradições, revelando a ambivalência e o paradoxo como próprios do tragicômico, onde se manifesta a incômoda proximidade entre a angústia e o riso, diz Kupermann (2005, p.28).

Outra indicação preciosa é o resgate do realismo grotesco feito por Bakhtin, no seu texto *A cultura popular da Idade Média e no Renascimento*. No contexto de François Rabelais, ele retoma o aspecto cômico da cultura popular, a partir do carnaval e as suas

relações sociais. Mas o que nos interessa é justamente traço de rebaixamento, onde ele vê a degradação como um princípio ativo do riso popular. Para Bakhtin (1987, p.19), degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre, e dos órgãos genitais, e, portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso, diz ainda o autor, não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas tem também um positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação.

Hilda Hilst parece estar inserida nesta tradição, quando ainda Bakhtin nos conta de fenômenos linguísticos surgidos após os festivos carnavalescos, que consistiam em um uso frequente de grosserias blasfematórias dirigidas às divindades, e que constituíam um elemento necessário dos cultos cômicos antigos, mas que mudavam de sentido durante o carnaval.

De fato, durante o carnaval essas grosserias mudavam consideravelmente de sentido: perdiam seu sentido mágico e sua orientação prática específica, e adquiriam um caráter e profundidade intrínsecos e universais. Graças a essa transformação, os palavrões contribuíam para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico secundário do mundo. (Bakhtin, 1987, P.15)

O riso e o fenômeno humorístico apresentam então dois aspectos fundamentais. Por primeiro, a manutenção da ambivalência, onde fundamentalmente o riso se aproxima da angústia, e o mecanismo mesmo da piada, onde o prazer que se obtêm dela é justamente fazer oscilar o que Kupermann chamou de extrema vitalidade e extrema mortificação. E o segundo aspecto, conectado ao primeiro, no contexto da cultura popular da Idade Média e Renascença, um caráter liberador, suspendendo, ainda que temporariamente, a verdade dominante, regras hierárquicas do regime vigente. E liberador ainda no sentido que Freud pensou com a dinâmica do inconsciente, quando o fator humorístico produz prazer – o elemento fundamental no que Freud associou ao “triunfo do narcisismo”, quando o sujeito se recusa a sofrer pelos traumas do mundo externo.

Caráter utópico da suspensão

A origem da palavra utopia vem do grego: “ou” (não) + “top(o)” + ia: (de nenhum lugar). Também, país imaginário, criado pelo escritor inglês, Thomas Morus (1480 - 1535), onde um governo organizado da melhor maneira proporciona ótimas condições de vida

a um povo equilibrado e feliz³. Ganhou na tradição de seu uso uma significação pejorativa para se falar dos inatingíveis, dos sonhadores sem a possibilidade de chegar ao lugar do ‘sonho’. É, portanto, utilizado na linguagem comum para desqualificar uma idéia. Há, porém, autores que se aprofundaram neste conceito e a partir dele lançaram ao mundo desafios e propõem uma nova claridade. São eles Ernst Bloch, Frederic Jameson, Emil Cioran, Russell Jacoby entre outros.

O primeiro, a partir do seu livro *Princípio Esperança* (2005, pp.17-22), numa “tentativa de levar a filosofia até a esperança”, propõe o pensamento como transposição: “Assim a categoria do utópico, possui além do sentido habitual depreciativo, outro: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos” (p.22) – sua idéia mais potente, pondo em cena o movimento mesmo, de caminhar ao adiante, para tentar *romper com a obscuridade do instante*.

O segundo autor utópico com o qual dialogaremos é Jameson (1997, p.85) provoca o conceito e vai pensá-lo desde seu negativo. Vai dizer que “... a vocação da Utopia é o fracasso” no sentido de que:

seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber em torno das nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar, por mera indução, no atoleiro de nossas imaginações no modo de produção, a lama da época presente que se gruda nos sapatos da Utopia alada, imaginando que isso é a própria força da gravidade. (Jameson,1997, p.85)

A utopia na sua perspectiva negativa poderia ser pensada como uma espécie de ruído/ruína, como um ato de descontinuidade, de ruptura. Capaz de abrir espaços de e para o pensamento, quando rompe as lógicas dominantes que tentam dizer como a vida deve ou não deve ser vivida. Assumindo, dessa maneira, um caráter político de confrontação e resistência. Sousa (2004, p.223) nos lembra ainda, sobre o *informe*, quando diz que, antes da linha que institui a forma, deve-se procurar mapear o intervalo entre as formas, defendendo o informe, não como o avesso da forma, ele diz, mas ao contrário, afirmando a forma, ainda que numa condição de provisoriedade, instabilidade, suspensão e incompletude.

A imagem de uma suspensão⁴, primeiramente, é a de pendurar no ar. Poderíamos pensar também em algo como não ter os pés no chão, como intervalo, algo provisório ou ainda como, interromper uma ação.

³ Novo Dicionário Aurélio p.1434,1975.

⁴ Dicionário Aurélio, p.1342, 1975.

Quando Ernst Bloch (2005) nos propõe *tentar romper com a obscuridade do instante*, o grande pensador das utopias propõe a categoria do utópico como ultrapassamento. É, portanto, um ato que rompe com o já dado e põe em cena um desejo de transgressão. Nos dois casos (suspensão e categoria do utópico como ultrapassamento) temos a ação de corte: no primeiro, como uma convocação a certo espaço de pausa (a imagem da suspensão), onde provisoriamente se perdem as medidas e não se coloca nada em seu lugar; no segundo, como uma convocação ao movimento da ruptura de um contínuo já naturalizado. Parece aqui, equivalerem-se suspensão e utopia.

Transpor imagens, significações, posições de estruturas, mexer nesta *posição do sujeito* fazem parte da potência do pensamento utópico. Hilda Hilst, ao enlaçar o risível e o erótico, põe em cena duas dimensões: o real do sexo, a moralidade e a ordem social que regula as trocas e o real da morte e o que ela suscita. Ambos são colocados em xeque, suspensos da sua gravidade. Não apenas o sexual é tomado como trampolim para o riso, mas também o próprio divino, tomando à dimensão humana, quando indagado pela presença em si do “fétido buraco”. Ali Hilda Hilst realiza uma operação de corte em dois pontos fundamentais para o humano, rompe com a moralidade do sexo e da divindade, profanando assim os ideais humanos. Há em todo o livro certa manutenção de tensionamentos, que beiram a loucura que parece levar a personagem Hillé na sua busca desenfreada por respostas que não são respondidas. O desnaturalizar dessas crenças é um modo de Hilda Hilst assumir a postura do provocador e ter com a vida uma atitude de recusa e inconformidade. Nesse ponto, a escrita hilstiana se assemelha ao pensamento utópico, se revelando um grande instrumento de análise e mais, de proposição de um estado. Um estado capaz de furar o presente, de ruína, num permanente combate com as formas totalitárias. Portanto, ao esburacar o divino e ao colocar em evidência o real enigmático do corpo e do sexo, realiza uma suspensão dos sentidos, impossibilita respostas, e promove uma abertura radical à angústia. E, para aqueles que conseguem encontrar uma via de acesso, para mim possível após interpretação teatral da atriz Suzan Damasceno da montagem do livro ‘A Obscena Senhora D’, experimentarem ali também o aspecto cômico, um riso quase mortífero, do texto hilstiano.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: no contexto de Francois Rabelais*. São Paulo: Hucitec. Brasília: Ed. UnB, 1987.

BLOCH, Ernst. *Princípio Esperança*. Vol. I Rio de Janeiro: Ed. UERJ: Contraponto, 2005.

FREUD, Sigmund.. (1927). *O humor*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 3ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. vol. XXI.

HILST, Hilda. *A Obscena Senhora D*. São Paulo: Globo, 2001.

_____. *Cartas de um Sedutor*. São Paulo: Globo, 2009.

_____. *Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992-1995)*. São Paulo: Nankin Editorial, 1998.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, n. 8: Hilda Hilst*. São Paulo: IMS, 1999.

JAMESON, Frederic. *As sementes do tempo*, São Paulo: Editora Ática, 1997.

KUPERMANN, Daniel. “Perder a vida, mas não a piada”. In.: SLAVUTZKI, Abrão.

KUPERMANN, Daniel. (orgs) 2005: *Seria trágico se não fosse cômico*. RJ: Civilização Brasileira.

RIVEIRA, Tania. *Guimarães Rosa e a Psicanálise – ensaios sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2005.

SOUSA, Edson. L. A. *Uma Invenção da utopia*. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

SOUSA, Edson L. A. “Para não ficar de mãos vazias”. In: FONSECA, Tânia M. G. Org; ENGELMAN, Selda. Org, 2004: *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

HUMOR AND SUSPENSION: OSCILLATION BETWEEN THE HEAVINESS AND THE LIGHTNESS IN HILDA HILST

ABSTRACT:

This article proposes to think about some texts by the Brazilian writer Hilda Hilst, along with some biographical notes and statements of the writer to explore the comic aspect of her writing, through psychoanalysis, literature and utopia. It analyzes the ambivalent nature of the laughable, from Freud's text “Do Humor” (1919) to recent authors, and also with the proposal of Bakhtin's grotesque realism. The meeting with the utopia and its political aspect of transgression, transcendence and cut, suggests the movement of the suspension as a meeting point, making the link between Hilda Hilst, humor and psychoanalysis

KEYWORDS: Hilda Hilst. Humor. Psychoanalysis. Suspension. Utopia.

HUMOUR ET SUSPENSION : OSCILLATION ENTRE LA LOURDEUR ET LA LÉGÈRETÉ CHEZ HILDA HILST

RÉSUMÉ:

Dans la société actuelle où l'éthique des biens se montre soutenue par une technologie qui produit un nombre inépuisable d'objets, on observe une étroite connexion entre la satisfaction et le bonheur. Amant de la raison et de la perfection supposée, l'homme croit aux possibles solutions rapides et indolores pour guérir son mal d'existence. À partir d'une réflexion sur l'éthique de la psychanalyse, ce travail cherche à aborder la dissonance significative entre la morale actuelle du bonheur et le discours psychanalytique. Le désir et la pulsion, qui marquent le sujet avec une insatisfaction radicale, mettent en scène la dimension de l'impossible et c'est le volet de travail qu'offre la psychanalyse.

MOTS-CLÉS: Hilda Hilst. Humour. Psychanalyse. Utopie. suspension.

Recebido em
Aprovado em

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista